IX SINMCA
IX Simpósio do Noroeste Mineiro de Ciências Agrárias e
VIII Semana Acadêmica
25 a 27 de novembro de 2025

Babesiose Equina: Relato de Caso

Danielly Sousa Dos Passos [1*], Ana Carolina de Camargo Pirrongelli [1], Andrely Françoalle Reis Santos[1], Iorrana lira Rocha [1], Vithória Aparecida Santos Silva [1], Maria Eduarda Silva Barbosa [1] Emanuelle de Oliveira Sousa [1] Jullyana de Souza Silva [2]

[1] *Graduando em Medicina Veterinária - Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM, Unaí-MG*
[2] *Professora adjunta, UFVJM, Unaí/MG*

***E-mail do autor principal** danielly.passos@ufvjm.edu.br

RESUMO

A babesiose equina, também conhecida como piroplasmose ou nutaliose, é uma enfermidade causada pelos protozoários *Babesia equi* e *Babesia caballi,* que têm como hospedeiros naturais os equinos, asininos e muares. O gênero Babesia compreende parasitas intraeritrocitário transmitidos principalmente por carrapatos, os quais se tornam contaminados por meio da transmissão transovariana, passando o protozoário aos ovos e, assim, para a geração seguinte. A doença é especialmente grave em animais sem exposição prévia ao agente, representando importante limitação sanitária e econômica. Nos quadros causados por Babesia caballi, a parasitemia atinge cerca de 1% das hemácias, enquanto infecções por Babesia equi gera níveis mais elevados e manifestações mais severas, apresentando período de incubação médio de oito a dez dias. Objetivou-se com presente relato descrever o tratamento que foi conduzido a partir da observação clínica, anamnese detalhada, e avaliação laboratorial, incluindo hemograma e pesquisa de hematozoário que deu positivo para *Babesia equi.* O animal em questão, uma égua de pelagem rosilha da raça Appaloosa, com dois anos de idade, apresentou os sinais clínicos característicos da infecção que surgem entre uma e duas semanas após a infestação por carrapatos, quando ocorre a transmissão do agente. No caso descrito, o animal apresentou anorexia, febre intermitente, depressão, anemia, ataxia, secreção nasal mucoide e edema em algumas regiões corporais. As mucosas orais e oculares encontravam-se pálidas e ictéricas, sem presença de hemoglobinúria, indicando comprometimento hepático e hemático decorrente da infecção. O tratamento foi instituído com base na utilização de dipropionato de imidocarb (2 mg/kg, via intramuscular, com intervalo de 24 horas entre as doses), associado a flunixin meglumine para controle dos sinais inflamatórios, conjuntamente foi feita administração oral de levamisol (1 ml/10kg) e oxitetraciclina diluída em ringer com lactato com administração intravenosa lenta. Foi realizado também transfusão sanguínea para repor hemácias e pulverização com cipermetrina para eliminar os carrapatos. Além disso, foram administrados suplementos vitamínicos, incluindo vitamina B12, com o intuito de estimular a eritropoiese e favorecer a recuperação geral. O animal foi mantido em ambiente controlado, com hidratação adequada e monitoramento diário dos parâmetros fisiológicos. Após o tratamento, observou-se melhora clínica significativa do animal, com atenuação completa dos sinais clínicos, verificando-se após 30 dias uma nova pesquisa de hematozoário no qual facultou negativo. A combinação de antiparasitários, controle inflamatório, suporte nutricional, diagnóstico precoce e manejo integrado foram cruciais para a recuperação do animal. No entanto, é importante enfatizar que o manejo sanitário preventivo e controle rigoroso de carrapatos continuam sendo as principais estratégias de prevenção da babesiose equina principalmente em regiões endêmicas.